

MENTE E REALIDADE NO CAPITALISMO: AS ESCOLHAS DA MENTE DIANTE DA FORÇA DO CAPITALISMO NAS SUAS CONTRADIÇÕES INTERNAS

AtanásioMYKONIOS¹

RESUMO

Este artigo tem o objetivo trazer uma reflexão crítica a respeito das escolhas que a mente ocidental, em perspectiva à cultura compreendida nas relações do capitalismo – no que concerne ao atual modelo social de produção de mercadorias –, terá de fazer e em que medida ela deverá ser interpelada diante dos impasses criados em virtude das contradições internas, postas à luz do problema para a superação da sociedade do trabalho, que ainda mantém a sociedade das mercadorias, transformando o contexto social e global num jogo de protelações e camuflagens diante da iminente escolha que a sociedade deverá fazer.

Palavras-chave: Mente, Capitalismo, Trabalho.

ABSTRACT

The objective of this article is to bring a critical reflection concerning the choices that the western mind, regarding the

⁽¹⁾ Mestrando em Filosofia Social Pela PUC-Campinas, SP.

culture in the relationships with capitalism – as far as the current social model of the production of goods is concerned – will have to make and how it will be measured before the obstacles caused by internal contradictions, brought to the light of the problem for the overcome of the work society, which still maintains the society of goods, transforming the social and global context in a protection and camouflage game before the imminent choice that society should make.

Key words: *Mind, Capitalism, Work.*

INTRODUÇÃO

A mente humana foi capaz de produzir complexidades sociais e abstratas. O capitalismo é um produto da racionalidade da mente ocidental. Essa racionalidade não se localiza apenas em si mesma, necessita expandir-se como forma de expressão de suas determinações. Porém, nem sempre a mente conta com o movimento que é uma realidade e dessa forma, ela se encontra diante dos problemas para realizar as operações para o controle dessa mesma realidade, uma vez que com o movimento, a real realidade não é algo fácil de aprisionar.

Mas a mente, diante do movimento e diante das suas criações, estende a mão à realidade para possuí-la, o que é característico do capitalismo. Mas a própria mente está diante de um desafio, em algum momento num futuro próximo, será interpelada a escolher, pois o sistema, criado pela mente cultural-ocidental e capitalista, promoveu, na sua origem as condições de contradição que levam, inexoravelmente, o sistema para uma rota de colisão.

Nessa rota estão duas realidades que estão no mesmo trilho, de um lado a tecnologia e de outro a mercadoria, já ambas se distanciando cada vez mais da realidade inicial, isto é, o trabalho abstrato como força tautológica do próprio sistema.

Assim, o que fará a mente, voltará para trás, superará o modelo, resistirá até o seu próprio colapso? Este artigo visa, dessa forma, refletir sobre esse impasse e os desafios da mente, como expressão da coletividade ocidental e capitalista.

OS CAMINHOS DA MENTE

A mente quer abarcar a realidade. A mente se torna parcial em si mesma, mesmo tendo a ilusão de que pode determinar a realidade. A mente está inserida numa cultura, faz a cultura e dela se nutre, e com sua potência objetivadora, determina a própria cultura. A mente vê a realidade que passa pela lente da cultura e da linguagem. Mas há uma distância entre realidade e verdade. A mente processa tudo, ela é a ponte, de um ponto de vista entre a realidade e a verdade. Ambas são determinações complexas que exigem da mente uma atividade constante, mas ambas podem ser fonte de conflito para a própria mente. A mente não pode ser separada da realidade nem da verdade que, de certa forma, é a interpretação da realidade. Muitos, inclusive Heidegger, (Safransky, 1, p. 97), discute qual é a “*realidade real*” ou a verdadeira verdade ou, como queiram, a real verdade ou a verdade real. Todas as imbricações têm na mente o suporte para a própria interpretação ou um veredicto final. Se se quer dar à mente ou à racionalidade a última fronteira desse processo, então a mente se torna um fim em si mesma. Como ela estaria diante de si mesma e em conformidade com a realidade? Em outras palavras, estaria a mente certa em configurar e enquadrar a realidade e dar a última palavra sobre essa dimensão? Estaríamos voltados aos problemas cartesianos? Estaria a mente preparada para assumir sua própria forma e definição de tudo que a cerca, de si mesma? Essa objetivação da mente em torno do mundo que a cerca parece ser uma disposição operacional do pensamento que se envolve na malha fina da construção lingüística. Assim como Durant afirma, “*Que é pensamento? Não há definição possível, porque a palavra inclui tudo através do que pode ela ser*

definida. É o fato mais imediato que conhecemos e o último mistério do nosso ser. Todas as realizações humanas nele encontram a sua fonte e a sua meta. O surto do pensamento constitui a grande virada do drama da evolução." (Will Durant, 2, p. 9), o pensamento tornou-se uma faca de dois gumes, pois se foi capaz de abrir o universo ao homem, é o instrumento pelo qual este mesmo homem vê-se aprisionado a ponto de ser obrigado a construir objetivações absolutas.

A mente não parece ser feita para viver na realidade completa ou absoluta. Mas ela insiste em buscar o controle e de fato parece também necessitar de uma forma que possa transformar toda a realidade no que ela mesma deseja. Em certo sentido, há a dificuldade em compreender a realidade e de outro lado, em aceitá-la. A mente não consegue transformar essas dificuldades numa superação. Por outro lado, a mente está diante de coisas às quais fogem ao seu próprio controle. Conhecer, controlar, transformar, dar uma forma para além da forma conhecida, impor uma forma e, ao mesmo tempo aceitar a realidade. Todos esses elementos compostos são uma dificuldade premente para a mente humana. Uma composição entre todos não parece tarefa fácil, mesmo porque exigiria uma fusão de aspectos diversos e mesmo contrapostos no espaço mental. O que é mais importante, e quais os critérios de eleição sobre o que é mais importante? Conhecer? Aceitar? Controlar? Transformar? É evidente que de um ponto de vista lógico, o conhecer se coloca à frente, mesmo como uma premissa inquestionável e necessária. Mas indo além dessas considerações, importa não deixar de colocar à mesa o fato de que há uma intrincada relação que se apresenta de modo a visualizar a teia na qual a mente se embrenha, as relações sob as quais dão-se as determinações, pois não há uma realidade qualquer que não esteja submetida às relações e estas se tornam um elemento de freqüente dificuldade para a própria mente que separa, escolhe, elege, distribui.

Levando em conta essa dificuldade, e se isto é plausível, então devemos reconhecer uma escala, uma gradação, uma hierarquia. Posto assim, não é possível, dessa forma, que a mente proceda à fusão de todos os elementos que estão postos na sua relação com a

manifestações são escamoteadas pela própria mente. A mente é a capa na qual todas as emoções e impulsos se escondem e são por ela protegidos. É nesse sentido que até mesmo a mentira se torna aceitável quando passa pelo crivo lógico da razão, especialmente no tocante a argumentos falsos que se tornam verdadeiros quando a mente utiliza ferramentas especiais para se livrar do constrangimento, quando interpelada.

Tem-se a impressão de que os próprios impulsos, desejos e sentimentos delegam à razão uma certa legitimidade para que ela os defenda de ataques exteriores. A mente se torna então a geradora e a protetora da vida humana, um anteparo, como uma fonte de energia que emana sua própria condição e dela absorve o que necessita para dar de comer aos outros sentidos e às outras competências humanas.

Assim, a mente se torna senhora e se afasta, senta-se no trono e vê a realidade que por ela passa, manipula-a de tal modo, como um artesão que transforma o barro numa obra de arte e assim como que expressa a sua própria realidade. Essa mente se afasta da natureza e dos primeiros impulsos introduzidos pela natureza, e esta é vista como uma realidade a ser visitada e que precisa da indulgência da mente em si mesma. A mente parece mergulhar numa redoma de formol e mantida viva por ela mesma, como uma rainha abelha que é nutrida pela colméia.

A mente engorda e tem dificuldades em se locomover por entre a realidade. Então a mente mergulha num conflito entre si e a realidade, cansada e esgotada de tanto determinar a própria realidade, a mente precisa agora de todas as forças para controlar a realidade antes que esta a devore por completo. A paranóia na qual a mente se instala revela o desequilíbrio dela em lidar com a realidade, isto, em outras palavras, releva que a história da mente é a história de seus conflitos diante da realidade e diante de si mesma.

Talvez a teoria dos sistemas, assim como meu artigo mostra em *O desespero do Fim* (Atanásio 4, s/p), possa dar uma relevante contribuição para a compreensão do ápice que atinge os sistemas e a sua conseqüente queda, por motivos diversos. A historicidade dos

processos de conflito, relevados no movimento ou na realidade movente, indicam que a necessidade que a mente tem de determinar e controlar a própria realidade se transfere para o movimento e o papel a que se impõe a própria mente é o de aprisionar o movimento. Como isso se torna uma tarefa hercúlea, a mente imagina-se ou se reveste, ela mesma, de movimento. Então a mente finge uma meta-realidade na qual ela se coloca e ali então pode manter novamente o controle. A cada novo processo conflituoso em que o sistema tende à mudança, com uma nova perspectiva na circunstância dialética, em que se verificam a cisão e o próximo encontro entre tese e antítese, a mente parece criar uma nova esfera na qual ela volta a imaginar que tem o controle sobre a realidade. Essa mente, que gera seus subterfúgios, é mestre em escamotear a sua própria intencionalidade.

Tem-se a impressão nítida de que essa mente promove sua própria independência, mas ela é autônoma enquanto pode controlar a realidade ou supor que pode fazê-lo. Mas a história nos indica que o movimento no qual a realidade mesma está inserida gera uma fonte inesgotável de transformações que fogem ao controle da mente, em virtude, em grande parte, dos acontecimentos que fogem ao controle da mente e que residem no mundo ou no universo dos particulares, ali onde a realidade é mais real que a própria mente, conforme nos mostra Aristóteles na *Ética a Nicômano*, quando fala que o universal não pode ser aplicado a todos igualmente (Aristóteles 5, p. 143-144). E por quê?

Exatamente porque a mente não pode controlar, não pode objetivar, não pode determinar toda a realidade, pois se mantém numa perspectiva abrangente, na totalidade por ela criada, na ótica do universal. Esse controle, essa objetivação e determinação são, pela condição limitada da mente, uma parcialidade de si mesma. Se a realidade é compreendida pela mente como algo parcial, a mente em si não pode determinar-se absolutamente, também será uma parcialidade que se move na realidade que, por sua vez, também é movimento constante e na qual residem os particulares que, em certa medida, distanciam-se da realidade da mente universal.

Nessa perspectiva, que parece uma espiral em movimento contínuo, a mente engana-se a si mesma e engana-se no que diz respeito à realidade. Diante dessa aparente confusão, a mente ainda encontra espaço para fazer as suas escolhas e prosseguir na determinação do real.

Na modernidade, a escolha recaiu sobre a objetivação. A mente está fora de tudo, ela imagina ser uma entidade superior capaz de promulgar as determinações do real e dele arrancar o seu sustento. A ciência é o braço com o qual a mente estende seus tentáculos para impor o controle. Assim é que nessas operações do pensamento, nas configurações racionais e nos juízos de valor instrumentalizados, a mente se torna ela mesma, para ela e com ela, acima da natureza, do mundo e do real.

Ao se afastar de tudo e colocar-se no Olimpo da existência, a mente imagina tudo ver e tudo controlar. Nessa força que emana de um núcleo para o exterior, há um processo de permanência da própria mente, como se fosse uma alma sedenta de perpetuação de si mesma. Torna-se como uma fonte inesgotável de si, a pensar sobre o mundo com a necessidade de manter-se sempre no controle e com o imperativo de refazer a própria realidade, como sentindo-se obrigada a tanto.

Como num simbolismo hegeliano, a mente se expande para si mesma e em si mesma. A mente tende a essa expansão porque ela precisa, de certa forma, incluir em seus vastos universos os novos sistemas que são incluídos e formados pelo processo dialético e nas condições de perpetuação em que a própria mente se impõe.

Sua autonomia é autofágica. Ela se nutre de si mesma, devorando a realidade com suas garras objetivas. Ela precisa virar e revirar os objetos à exaustão e assim mesmo não os terá determinado conforme o seu próprio desejo. Há um impasse e um paradoxo que desde o início se coloca para a mente humana. Como numa corrida desenfreada contra o tempo, a mente necessita controlar para não se perder conforme o próximo movimento que, de certa forma, pode estar

no campo do improvável. Mas a mente não pode admitir a improbabilidade, ao contrário, ela precisa ter tudo debaixo do seu nariz.

Uma corrida desenfreada contra si mesma e contra o movimento. Tudo deve voltar ao que era antes, com o risco da desintegração total. A mente precisa viver e entrar numa outra meta-realidade criada por ela mesma, a fim de manter-se viva, perpétua, necessária, sólida e com a serena sensação de que é eterna. A cultura se reveste dessa força imanente que provém da mente.

Então é possível olhar para a mente e vê-la como um ator que cria para si mesma personagens, mentiras e verdades, com tamanha intensidade que parece não haver nada capaz de convencê-la de que tudo não passa de jogos intencionais, como aponta Wittgenstein e até, de certo modo, contemplativos e sem muita conexão com o que é real, até certo ponto (Wittgenstein, 6, p. 48). Isso, em outras palavras, nos indica que a mente é capaz de elaborar sistemas cada vez mais complexos e necessários para ela mesma, mas que não têm muito a ver com a própria realidade de onde emanam os sistemas ou as meta-realidades.

CAPITALISMO, MENTE E CULTURA

Mentes individuais e mentes coletivas, parecem tender a uma mesma configuração. Culturas e sistemas bem elaborados, como grandes escritórios burocráticos que se interligam; mecanismos que são postos em funcionamento e fazem parte de uma grande engrenagem. A mente das culturas modernas tendeu a essa configuração de controle objetivado e como um imperativo da própria mente.

O capitalismo foi beneficiado pela força controladora da mente. A imposição de novas formas de produção e de novas relações sociais por meio do trabalho e pela instituição do mercado, que tudo padroniza numa pseudo-igualdade entre os indivíduos sociais, como valorização de coisas mortas, é um reflexo visível e notório das formas

que a mente assume. Controle, conhecimento, desenvolvimento, crescimento e expansão de si mesma. Essas considerações de si e em-si (utilizando uma terminologia especialmente hegeliana) são o espectro que dão forma ao capitalismo, ao progresso e à ciência.

A mente então dá o suporte necessário para que o capitalismo se torne uma realidade numa outra realidade, como uma sobreposição instituída pela própria mente. O capitalismo move-se no interior da realidade, criando forças sociais e relações que se sobrepõem à realidade real. É a projeção da mente que necessita expandir-se. Por uma transposição análoga, o capitalismo adquire, por metabolismo intrínseco, as determinações da mente em expansão e realiza as condições para que o trabalho e o mercado sejam a mola mestra das relações sociais modernas, cobrindo assim todos os quadrantes do planeta em pouco mais de 250 anos de existência, em sua forma industrializada que se transmutou em outras formas mais atualizadas, com as quais estamos lidando agora.

São as formas nas quais Marx identifica no capitalismo em *“Sua existência, como surge na superfície, isola-se de suas conexões ocultas e dos elos intermediários mediadores”* (Marx, 7, p. 189). A forma de fetiche que isola a realidade e faz dela como que uma meta-realidade, transpondo para um outro nível as relações sociais e legitimando a exploração dos indivíduos sociais.

Nas novas relações que se dão por meio do movimento da realidade, a mente então encontra espaços para realizar a meta-realidade, criando assim um novo sistema, próprio para que a mente navegue nele e tenha sobre ele o pretense controle. É por essa razão, provavelmente, que o capitalismo consegue, por metabolismo ou osmose, também recriar suas condições e renovar-se.

A mente tem a impressão de que está renovada e pronta para entender a nova realidade. Mas parte dessa realidade é a expressão da própria mente que cria uma realidade para ela mesma. E por quê?

1 - Pela necessidade de controle;

2 – Pelo distanciamento da própria realidade;

3 – Pela necessidade de perpetuação.

É assim com a cultura, as tradições, os costumes, as relações econômicas e sociais que ora são compreendidas pelo sistema de produção de mercadorias, por meio, ainda precariamente, do trabalho abstrato.

Mas na suposta evolução como forma de expansão da mente, o capitalismo atual reverte sua própria condição e se desenvolve em termos de consumo. Esse capitalismo que pode ser compreendido, conforme Moisse Postone nos indica, em termos de pós-capitalismo, não prescinde dos chamados trabalhadores assalariados na mesma proporção que em etapas anteriores (Postone, 8, s/p). Aparentemente, isto parece um contra-senso, uma vez que para a mercadoria, são necessários os tempos de troca em valor cujo princípio ativo se localiza no trabalho assalariado, como fonte de uma energia congelada que gera um modelo distributivo desigual. O capitalismo agora está à caça de consumidores.

Tem-se a impressão de que a mente capitalista não vê mais como importante a forma do trabalho, como determinação concreta da aquisição das mercadorias, no entanto, o capitalismo ainda se baseia na via estrutural e sistêmica abstrata do trabalho, encara-o como um sistema do qual não pode abrir mão. O trabalho é uma determinação essencial do indivíduo, seja no mundo capitalista como nas considerações dos marxistas tradicionais.

É como se houvesse um jogo de farsa, um jogo de esconde-esconde entre a sua determinação e a sua pretensa essência. Um conflito que ainda está camuflado por uma intenção de promover a mercadoria por meio da troca de trabalho. Mas isto está se esgotando, exatamente porque o próprio capitalismo cria, no seu interior, as condições para a contradição que se avizinha de forma radical. Temos então que, inconscientemente, o capitalismo ainda tenta a sua própria expansão por meio da mercadoria.

A mente se engana e busca reduzir as distâncias entre si e a objetivação do capitalismo com a força da expansão do mercado. O mercado adquire sua condição exponencial, de tal forma que o consumidor se torna a síntese reflexiva do próprio capitalismo, como o fim de si mesmo, isto é, o estertor de um processo que se pronuncia inexorável, não de modo determinista, mas na condição lógica do anteparo ao fim do trabalho, ou seja, o reavivar do mecanismo pela ponta diametralmente oposta no processo das relações da troca de valor, isto é, a mercadoria.

Mais uma vez, a mente se direciona no sentido de re-agrupar a realidade e dar a ela o sentido de sua própria determinação, a absoluta posse em termos do controle que parte da mente e captura toda a diversidade social, por meio das condições impostas pelo chamado pós-capitalismo. Em outras palavras, a mente finge não existir o conflito, no interior do sistema, e prossegue como se nada houvesse de errado, construindo um mundo ainda eficiente, controlado pela racionalidade das relações sociais, pelas verdades do mercado e pela pretensa intencionalidade angelical dos consumidores – um mundo perfeito.

A meta-realidade está posta, o mundo conhece mais uma vez a força reprodutora do capitalismo. Mas a mente não conta com as forças da realidade que distribuem por todo o sistema capitalista as hipóteses que fogem ao controle da mente capitalista, gerando assim novas fontes de contradição, a partir dos particulares.

O consumidor está enclausurado, pois cada vez menos encontra mobilidade num modelo social cujas relações estão se deteriorando rapidamente em virtude do processo do fim do trabalho. Essa realidade invade todas as formas de sociedade, especialmente e de modo mais trágico, as comunidades dependentes que giram em torno do núcleo de ferro do pós-capitalismo. O próprio consumidor vive um mal-estar, consciente ou inconscientemente, obrigado que está a produzir sua própria riqueza para manter-se vivo no modelo de troca de mercadorias. Mas o trabalho se torna escasso, virtualmente em colapso e cujo fim dos fins se aproxima, exatamente pela nova revolução tecnológica que está às portas da contemporaneidade.

Assim, as condições para o fim desse modelo estão colocadas imperiosamente. Porém, ainda vistas a uma aparente distância da sua derrocada. A mente parece não ser capaz de vislumbrar o fim, por isso requer para si mesma um fôlego extra, até que ela mesma se encontre em condições para dar um salto, sem perder seus paradigmas e os conceitos que determinam as relações do modelo de troca das mercadorias. Quando isso acontecer, ela olhará para si mesma e dirá que nada aconteceu a não ser o seu próprio movimento em busca de si mesma.

Então, o que a mente vê? Vê projetadas duas realidades criadas por ela mesma, a saber:

1 - De um lado a tecnologia, que tem o potencial de liberar o homem de certas atividades até mesmo triviais, gerando nessa condição um ponto de contradição, pois a própria mente convenceu-se de que o trabalho deve ser considerado como fonte de realização humana, em outras palavras, por ser uma essência fundamental que explicaria ontologicamente a existência do homem, não pode ser descartada, sob pena de que o homem perderia sua própria determinação. A mente, que acredita no trabalho, criou a tecnologia sofisticada que pode liberá-lo de toda forma de atividade, inclusive as atividades concretas, de conexão direta com a natureza. Porém, ela parece não poder escapar ao jugo determinista da evolução tecnológica, para não contradizer a si mesma no quesito da própria expansão, constitutivo de sua estrutura.

2 - De outro lado, a mercadoria, vista agora, pela mente do sistema, como forma estruturada e assumida na pessoa do consumidor. Pela sua perspectiva expansionista, a mente não pode renegar esse ponto de honra que se tornou uma das fontes de realização do capitalismo, isto é, a realização do sujeito social por meio do consumo. O consumo capitalista exacerbou as fontes e recursos da natureza, mas isso ainda não foi capaz de induzir a mente capitalista a um refrear de seu apetite voraz pelo acúmulo e pelo poder. O consumidor, no

entanto, é uma realidade nesta meta-realidade. A mente vê o consumidor como um elemento descolado das relações “reais” do sistema.

Em cada uma das mãos, uma realidade. Como se dispor a encontrar uma solução? O que fará a mente diante dessa dualidade? O sistema criado pela própria mente está diante de um paradoxo. As duas realidades explicam o capitalismo, no entanto, estão em conflito, gerando assim a possibilidade concreta da decadência do sistema.

Ora, uma das operações fundamentais da mente é a escolha. O pensamento separa e escolhe, a razão escolhe em virtude de determinados paradigmas e conceitos. Dessa forma, forçosamente a mente terá de escolher. Mas a escolha de uma das realidades por ela mesma criada poderá transformar o capitalismo em uma outra realidade, ou num monstro com o qual nem mesmo a própria mente será capaz de conviver, ou algo que está para além das considerações fundamentais do sistema, criando assim uma síntese ou um complexo fragmentado.

É possível entender essas duas realidades como opostas, como tese e antítese? Provavelmente, em um primeiro instante, o que nos parece é que as duas realidades – a tecnologia e a mercadoria – são partes integrantes de um mesmo processo. Mas uma delas, a mercadoria, só existe se houver o valor determinado como força concreta de trabalho, o trabalho que se torna abstrato.

Mas ambas as realidades caminham paralelamente e até se completam no curso da história. Há uma relação intrínseca e de complementaridade entre a tecnologia e o consumo, mas não entre tecnologia e mercadoria. A mercadoria não é fruto da tecnologia e sim do valor de troca. O produto permanece como força social empreendida pela criação, por meio, atualmente, da tecnologia sofisticada.

Assim, a mercadoria é uma contingência histórico-social. Ela não estava imperiosamente desde o início do consumo de coisas por parte do homem. Ela é uma abstração que compreende o trabalho como força de realização social no modelo capitalista das relações sociais. O paradoxo que se coloca é o fato de que a estrada desse conflito aponta

para a perspectiva de que o valor de troca não poderá ser estabelecido pelo trabalho, então, o capitalismo, desde já, parece esmerar-se no intuito de carimbar as coisas produzidas com um valor ainda mais abstrato, colocando a humanidade em um novo patamar de relações sociais, empurrando as sociedades para um impasse ainda maior.

Nesse sentido, o que caberá à mente, se for de fato sensata, é superar a idéia de mercadoria que está impregnada no que deve ser consumido. Mas essa é uma escolha proposta por quem está a olhar a mente de fora, e, geralmente, faz de conta que não pertence à mente, como se houvesse outras instâncias autônomas capazes de interpelar a mente, e, de fato existem essas instâncias, uma vez que partem da particularidade e não do universal estabelecido pela mente.

A perspectiva da criação de sentidos simbólico que reveste o produto deverá ser então re-elaborada por meio de um diálogo entre as necessidades individuais, a necessidade coletiva e a mente. Novamente, trago à tona a reflexão de Moishe Postone, para o qual a sociedade deverá encarar a tarefa árdua de reelaborar seus valores diante de um processo produtivo inexorável. Ora, será provável que esse diálogo encontre inúmeros entraves, que vão desde as relações sociais, passando por valores morais, pela tradição e pela necessidade propriamente dita, desembocando até em conflitos de ordem teológica, sem contar os aspectos de ordenamento jurídico quanto aos conceitos de propriedade privada e de formas de entendimento quanto ao papel do Estado. Este viverá dois grandes conflitos: um diz respeito à sua própria forma, uma vez que o Estado adquiriu consistência, significando para si uma lógica como uma lei necessária; o segundo conflito virá da mente que tentará influir nos destinos do Estado, por motivos óbvios do conflito que se avizinha (Postone, 9, s/p).

A necessidade nos coloca diante das condições emergentes do capitalismo que, conforme Robert Kurz mostra, desenvolveu um estado de riqueza de necessidades, potencialmente explosivo, que requer do próprio sistema uma capacidade inesgotável de expansão, a fim de atender as imposições abstratas da mercadoria que se reveste,

cada vez mais, de novos simbolismos e que suscitam novas e ampliadas necessidades individuais e coletivas (Kurz, 10, s/p).

Superar a mercadoria é impor-se a uma tarefa de difícil execução, uma vez que a tecnologia já nos coloca na superação do trabalho humano objetivado, na forma abstrata ou assalariada, desafio de grande monta, que requer das sociedades compromisso, consciência e abertura para o novo.

Mas ainda assim, existe a possibilidade de a mente escolher não pela superação da mercadoria, mas pela manutenção da mais-valia, gerando tensões internas ao próprio sistema capitalista. Ou poderá, por outro lado, destituir a tecnologia e implantar modelos de produção pré-capitalistas, mas cujas relações no seu interior, permaneçam com o espírito de troca de valor, mantendo assim, a mercadoria e revitalizando o sistema na sua origem.

Restará saber que de fato a mente escolherá. Porém, ainda é possível observar que durante algum tempo, a mente elaborará subterfúgios a fim de escamotear a realidade e mantê-la sob seu controle e de modo a procrastinar as escolhas que mais cedo ou mais tarde deverá fazer. Manter o sistema, levá-lo às últimas conseqüências, transformá-lo, superá-lo?

A ESCOLHA OU...

A mente ainda não escolheu. Não fez a grande e crucial escolha, pois as pequenas escolhas são feitas a cada momento do seu processo diante da realidade. Ela supõe poder conviver com ambas as realidades (a tecnologia e a mercadoria), por isso promove à força a expansão do capitalismo. Uma das conseqüências desse modelo é percebido pelo alto grau de financeirização das relações de valor. Nações, Estados e povos são submetidos a uma condição especulativa, que é a expressão da abstração da abstração, o valor sobre o valor, criando assim não mais uma mediação que anteriormente era ainda

plausível no modelo da sociedade do trabalho e das mercadorias. Agora o que se experimenta diz respeito a um sistema que paira por sobre todas as nações, autônomo, como o vento que sopra onde quer sem a interferência humana e que pode, como um tornado, derrubar países inteiros.

Outro aspecto dessa ilusória necessidade de expansão vem dos conflitos armados que se espalham pelo mundo, estes impostos pelo núcleo duro do sistema, lançando as populações à sua própria sorte em meio ao terror institucional e estatal. São os Estados do núcleo duro do capitalismo em parceria com os Estados dependentes que nutrem a mente com o seu braço forte, a arma. Esse terror é próprio da mente objetivada.

De outro lado, a escolha deverá ser feita. Mesmo assim, não será feita sem o sofrimento que a dúvida traz. A mente do capitalismo, com sua cultura ocidental, acredita que é capaz de expandir-se para lugares ainda inóspitos, nos quais poderá alastrar sua capacidade produtiva e vender suas mercadorias, impondo goela abaixo as necessidades de coisas que são estranhas à cultura e que, de certa forma, podem ser absorvidas rapidamente por meio do *marketing* e da criação de novas e oportunas necessidades.

No entanto, a manutenção de ambas as realidades, em cada uma das mãos da mente ocidental não poderá se sustentar por longo tempo. Nesse sentido, a própria mente quer controlar o sistema e se engana a si mesma com a possibilidade de realizar-se com as duas esferas que, antagonicamente estão colocadas numa rota de colisão. Aqui não se trata mais de discutir os reflexos nefastos que a sociedade do trabalho assalariado e forçado legou às novas gerações nem a condição de miséria e de petição em que estão a maioria dos povos e das massas globais, pois esse trabalho está com os dias contados e pouco ou quase nada restará quando vigerem as aplicações da nova tecnologia, que no momento são tendências que apontam para um mundo em que o homem pouco terá a fazer no que concerne ao sentido prático e concreto do “trabalho”, mesmo que ainda restem imensos

campos para plantar e colher, mesmo havendo oportunidades para a livre-iniciativa ou o empreendedorismo, coisas que, a longo prazo tornarão as relações de mercado obsoletas.

Então será preciso interpelar a consciência. Será preciso encurralar a mente e dela arrancar uma resposta à pergunta que começa a incomodar os Estados, os governos, os municípios, as regiões, os países, as culturas e as gentes de todo o canto do planeta. Pois num jogo de astúcia, a mente poderá se esconder ou tentar esconder-se, mas não por um tempo prolongado, posto que as condições já se estabeleceram. Poderá também elaborar desculpas bem feitas, ornadas e adornadas com o pincel da racionalidade, mas haverá sempre um mal-estar posto que não será possível esconder.

O que está em jogo são as forças de mercado que mantêm o poder. O trabalho será um elemento secundário. A força das empresas estará na sua capacidade de impor mercadorias e submeter os consumidores. Esse poder é o poder da mente que não reconhece que a mudança está colocada no seu próprio interior e não aceita a abertura para que as escolhas aconteçam.

Em certa medida é como se a mente fugisse de si mesma com o pavor de não ser desmascarada por completo. Como um castelo de cartas que ao ruir, desmantela-se completamente. E então, o que fica? A grande necessidade de nutrir-se a si mesma, como uma fonte que precisa se auto-alimentar, ou como um fim em si mesmo. A mente vista a partir de si como o absoluto que não pode admitir o seu próprio desmascarar.

Por isso os indivíduos que estão submetidos a essa tautologia, não são capazes de compreender o que pode advir para além do próprio sistema em que estão. A mente dessas pessoas é o reflexo da mente da cultura, que as determina e nesse sentido, o que importa é resistir, com o fito de manter o que imaginam ser a sua condição existencial, sem a qual não conseguem compreender a si mesmos. Dessa forma, são extremamente eficientes e com certo estilo racional em encontrar e construir subterfúgios a fim de não encarar a real realidade, mas

apenas o que dita a mente, como um grande irmão a guiar as consciências individuais e a grande consciência coletiva.

Eles devem estar em consonância com a mente e não o contrário. A mente se afastou das relações com a realidade e se enclausurou, mantendo distância até mesmo da natureza, cujas conseqüências são a devastação.

A mente constrói um anteparo e de modo objetivo e racional, procura desmontar ou qualificar a mudança ou até mesmo o cheiro de que as coisas não andam bem e não terminarão como quer a grande mente. A resistência não se verifica apenas na mente cultural mas também, e de modo incisivo, nas mentes individuais.

A sociedade terá à sua frente uma tarefa de grande responsabilidade, histórica, emblemática, que determinará o curso de sua existência, pois a manutenção desse sistema provavelmente provocará um colapso das estruturas sociais e dos recursos naturais. Ao ver à distância a própria mente, há condições para a interpelação, até mesmo no que compete a um juízo de valor moral da própria mente.

CONCLUSÃO

A mente é um milagre, uma fonte inesgotável de criação, de interpretação, de determinação do real e de si mesma. É uma máquina inigualável que também gera, para-si e para-fora-de-si problemas, contradições e conflitos que afetam diretamente a vida dos indivíduos, coloca-os em risco, expõem-nos ao vexame da dependência social e econômica, submete-os ao controle e cria sistemas que se tornam, em si mesmos, abstrações potentes, capazes de manter esses indivíduos sob a força da coerção.

No interior desse milagre, reside uma força lógica que condiciona a humanidade a uma forma de relações sociais compreendidas pela sociedade das mercadorias, vista em seu princípio, pela tautologia

do trabalho e que agora, inexoravelmente, caminha para a sua extinção, se não por completo, ao menos na sua grande maioria.

Assim, o que fará a grande mente, ocidental, capitalista, que impôs uma forma cultural ao mundo, como uma meta-realidade sobre as relações humanas, diante do conflito que já é presente e que se avizinha como um impasse numa rota de colisão que parece, em princípio, inevitável?

Isto é, a mente está diante de um dilema e deverá escolher, manter o sistema, expandi-lo até exaurir-se, aprofundar a contradição para então encontrar o caminho da superação? Tecnologia e mercadorias são agora a fonte desse conflito, os eixos que fundam a contradição, pois o trabalho não importará tanto para o sistema.

E a sociedade deverá interpelar a mente e ela mesma, ou seja, a própria sociedade. O que quer, o que quererá para o seu futuro?

REFERÊNCIAS

- (1) SAFRANSKY, Rüdiger. **Heidegger: um mestre da Alemanha entre o bem e o mal**. (trad. de Lyra Lett Luft), São Paulo: Geração Editorial, 2000, p 97.
- (2) DURANT, Will. **Os grandes pensadores**. In Obras Filosóficas, Tradução de Monteiro Lobato, Vol. V, São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1969,p. 9.
- (3) CORBISIER, Roland. **Hegel: textos escolhidos**. Rio de janeiro: Civilização Brasileira, 1981, p. 71.
- (4) MYKONIOS, Atanásio. **O desespero do fim**. Mogi das Cruzes, SP: (www.krisis.org), 2003.
- (5) ARISTÓTELES. Ética a Nicômano. Livro II. In **Os Pensadores**. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1996, p 143-144.
- (6) WITTGENSTEIN, Ludwig. **Investigações filosóficas**. Tradução de José Carlos Bruni. São Paulo: Nova Cultural, 1996, p. 48.

- (7) MARX, Karl. O rendimento e suas funções: a economia vulgar. In **Os Pensadores**. Tradução de Edgard Malagodi, São Paulo, Nova Cultural, 1996, p. 189.
- (8) POSTONE, Moische. Repensando a crítica de Marx ao capitalismo. In **Necessidade, Tempo e Trabalho. Uma reinterpretação da Teoria Crítica de Marx**. New York and Cambridge: Cambridge University Press, 1993, disponível em <http://obeco.planetaclix.pt/mpt1.htm>.
- (9) POSTONE, Moische. **Time, Labor and Social Domination: A Reinterpretation of Marx's Critical Theory**, New York and Cambridge: Cambridge University Press, 1993.
- (10) KURZ, Robert. **A honra perdida do trabalho**. Grupo Krisis, Alemanha, 1991, (www.krisis.org).